

## ***Bullying e saúde mental no ensino fundamental: um relato de experiência***

Arthur Arantes Guimarães<sup>1</sup>; Daniela Silvestre Costa Silva<sup>1</sup>; Hellen Caroline Rui Arata<sup>1</sup>; Valentina Silva Leão<sup>1</sup>; Giovana Galvão Tavares<sup>2</sup>

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás UniEVANGÉLICA.

2. Docente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás UniEVANGÉLICA.

**RESUMO:** Este texto é um relato de experiência de atividades desenvolvidas no módulo Medicina de Família e Comunidade III no 3º período do curso de medicina. A atividade foi realizada na Escola Lions Anhanguera da cidade de Anápolis - GO com acompanhamento da preceptoria da Unidade Básica de Saúde da Família - Vila Formosa. Os temas trabalhados nas atividades foram o *bullying*, saúde mental e a inclusão social de indivíduos com deficiências físicas e intelectuais. O *bullying* e o *cyberbullying* podem ter um impacto significativo na saúde mental, na qualidade de vida e nos comportamentos de risco, e suas consequências podem se manifestar na perspectiva futura e na empregabilidade. Dessa forma, o projeto teve como objetivo proporcionar às crianças e aos professores das respectivas turmas a sensibilização sobre respeito mútuo, igualdade, equidade e a inclusão social.

**Palavras-chave:**  
Saúde mental.  
Bullying.  
Cyberbullying  
. Inclusão escolar.

## INTRODUÇÃO

O *bullying* é um conjunto de práticas constantes e sistemáticas de violência física e psicológica, praticado de maneira intencional, por um grupo ou pessoa que coagem e agredem minorias. As consequências das práticas do *bullying* são diversas, tais como isolamento social, depressão, baixa autoestima, queda no rendimento escolar, pensamentos de vingança e, até mesmo, o suicídio (BARBOSA et al., 2016). Na contemporaneidade, veio à tona o termo *cyberbullying*, o qual é caracterizado como *bullying* realizado através das tecnologias digitais, ou seja, que ultrapassa os muros das instituições de ensino. Dessa forma, tal prática ocorre nas mídias sociais e também se configura como crime de calúnia, injúria e exposição, de acordo com os artigos 138, 139 e 140 da Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940 (Brasil, 1940).

Quando o assunto é transferido para o contexto educacional, por muito tempo, no Brasil, a educação para pessoas com deficiência era feita em centros especializados, mas a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI, 2008) e o Decreto n. 6.571 de 2008 tratam de educação de qualidade para todos os alunos e de um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados para integrar o atendimento educacional especializado. Alunos com deficiência começaram a ter o direito de se matricularem nas escolas regulares. No entanto, essas instituições não possuíam estrutura e nem profissionais qualificados e capacitados para trabalharem com esses alunos (PERES; MARTINS, 2021). Logo, com o passar do tempo, essa realidade foi sendo adaptada, com o objetivo de incluir esses alunos com deficiência, fazendo com que eles se sentissem mais pertencentes, acolhidos e entendidos por todos que estão ao seu redor. Dessa forma, entra em ação o papel dos professores de apoio (SANTOS; ALMEIDA, 2021).

É importante compreender a expectativa dos pais no processo de inclusão de seus filhos. Os responsáveis não pensam apenas no desenvolvimento psicossocial das crianças, mas também no pedagógico. A inclusão afeta inúmeros fatores na evolução escolar dos alunos. (CINTRA et al., 2009) Por fim, faz-se necessário notar que pessoas com deficiências, tanto físicas quanto intelectuais são mais propensas a sofrer variados tipos de *bullying*, o que pode acarretar problemas que interferem no comportamento social e na saúde mental para essas crianças.

Diante da importância do tema exposto, este estudo teve por objetivo buscar relatar a experiência dos acadêmicos de medicina na realização de uma atividade sobre *bullying* e saúde mental no ensino médio de uma escola pública de ensino fundamental em Anápolis - GO.

## DESCRIÇÃO

Foi feita uma visita a um colégio na cidade de Anápolis - GO por 12 alunos do curso de medicina do terceiro período acompanhados da preceptora da Unidade Básica de Saúde da Família - Vila Formosa e da professora orientadora. Durante a visita, foi realizada uma entrevista com a coordenadora

pedagógica da instituição escolar sobre as potenciais fragilidades da escola, incluindo aspectos acerca da estrutura da escola e questões psicossociais e educacionais. Foram elencados diversos tópicos pela coordenação, sendo que os que mais prevaleceram para o grupo foram: a persistência de *bullying* e *cyberbullying*, principalmente contra alunos portadores de deficiências físicas e/ou intelectuais e a ausência de capacitação dos profissionais de ensino para lidar com o problema. Além disso, foi discutido que a inclusão social ainda não é executada de maneira eficaz no contexto escolar.

O projeto foi executado por meio de uma dinâmica de questões sobre *bullying* e inclusão escolar somando um total de 10 perguntas, apoiando-se na apresentação de um material ilustrativo para manter o foco dos alunos e proporcionar continuidade da dinâmica. O grupo dividiu-se em duplas para atender as 6 turmas de 6º e 7º anos da escola, no período de uma manhã do dia 26/05/2022, conforme a figura 01 abaixo. Para abordar de forma didática e lúdica e provocar interesse nos alunos, foram feitas rodas de conversa nas quais foram apresentadas as 10 perguntas de forma simples e direta com intuito de despertar o ponto de vista subjetivo dos alunos. Além disso, foi realizada a apresentação de uma pequena palestra ao final da roda de conversa para esclarecer dúvidas e sintetizar os assuntos debatidos, reforçando a importância do combate ao *bullying*.



**Figura 01:** Alunos de medicina se preparando para a atividade.

Quanto ao possível constrangimento de alunos durante a roda de conversa, foi necessária uma abordagem singela e sutil, usando um vocabulário adequado para que se estabelecesse uma melhor comunicação e um ambiente confortável para possíveis relatos. Em relação à atenção, foi essencial que as palestras fossem dinâmicas, com imagens coloridas e chamativas adequadas para a idade. Quanto ao cronograma, foi organizado para que os horários fossem respeitados e possibilitassem uma abordagem produtiva do tema.

## DISCUSSÃO

Estudos sobre as influências do ambiente escolar e dos sistemas educacionais sobre o desenvolvimento estudantil infantil já vêm sendo realizados, mas é necessário que tais influências sejam observadas pela ótica da saúde. Por definição, Aramis *et al.* (2005) relata que o *bullying* compreende

todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra os outros, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Tratam-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais.

Além disso, entrando em convergência com Aramis *et al.* (2005), Oslon *et al.* (2011) relata que crianças pequenas que sofreram punição corporal pelos cuidadores parentais apresentaram repercussões na pré-escola, com interações agressivas entre pares.

Em um estudo realizado por Ringdal *et al.* (2020), foi corroborado que o bullying ocorre com frequência entre os adolescentes e ele está relacionado a problemas de saúde mental como ansiedade e depressão.

Em situações relacionadas a crianças com transtornos psiquiátricos, Belden *et al.* (2012) afirma que as chances de sofrerem *bullying* ou alguma violência verbal aumentam em até três vezes em relação a crianças que não são acometidas pelas mesmas circunstâncias. Em pré-escolares de três a cinco anos foram encontrados altos níveis de *bullying* naqueles diagnosticados com transtornos psiquiátricos.

Com relação ao *cyberbullying*, que é uma forma de agressão bastante presente no colégio, Bottino *et al.* (2015) e John *et al.* (2018) relatam que, assim como o *bullying*, o *cyberbullying* também está associado a sintomas depressivos moderados a graves, além de trazer como consequências o uso de substâncias, os comportamentos automutilantes, a ideação e a tentativa de suicídio.

Além disso, Dorol *et al.* (2021) especifica outros fatores de risco que contribuem para a perpetuação do *cyberbullying*, como: solidão, estresse, questões de orientação sexual ou identidade de gênero e comportamentos de violência. Fatores mais específicos compreendem Transtorno do Espectro Autista, Transtornos Intelectuais e do Desenvolvimento, obesidade e asma. Por outro lado, conexão escolar, estilo restritivo de parentalidade, apoio parental, satisfação com a vida, alimentação saudável, habilidades pessoais e jantares em família foram associados como estratégias de prevenção de comportamentos suicidas e de automutilação após o *cyberbullying*.

Mendez *et al.* (2019) afirma que o *bullying* e o *cyberbullying* podem ter um impacto significativo na saúde mental, na qualidade de vida e nos comportamentos de risco, e suas consequências podem se manifestar na perspectiva futura e na empregabilidade, e, uma forma de mitigar essa problemática seria o treinamento ou a educação em Inteligência Emocional, uma vez que a regulação emocional é um recurso valioso dentre as ações preventivas que visam diminuir as consequências do *bullying*.

John *et al.* (2018) reforça a importância dos formuladores de políticas e as escolas em priorizar a inclusão do envolvimento do *cyberbullying* em projetos que combatem e previnem o bullying

tradicional. O tipo de envolvimento, a frequência e o tipo do cyberbullying são aspectos que devem ser avaliados em estudos futuros.

Martinez *et al.* (2020) afirma que é necessário concentrar esforços na aplicação programas centrados no desenvolvimento de auto-estima, empatia, e habilidades sociais para situações da vida real, com o objetivo de aprimorar comportamentos sociais e de comunicação. Ainda, diz que essas estratégias devem ser implementadas em todo o anos letivos, começando o mais cedo possível de maneira preventiva.

## CONCLUSÃO

A realização desta atividade oportunizou aos envolvidos acadêmicos do curso de medicina, alunos, professores e preceptores, a edificação de conhecimentos sobre as diversas temáticas abordadas, havendo valorização do conhecimento e experiência diária das crianças. Foi possível perceber o interesse e a participação ativa dos alunos sobre os vários temas abordados por meio das estratégias lúdicas adotadas.

Em vista da ação, conclui-se que a falta de conscientização sobre os efeitos negativos do *bullying* gera inúmeros prejuízos para o desenvolvimento infantil, com repercussões futuras. Mesmo que seja um tema muito discutido, ainda assim há necessidade de persistir no assunto e ampliar as discussões, visto que o problema ainda não foi sanado. A elucidação deve ser feita de modo que as crianças compreendam como evitar, intervir e não praticar *bullying*, uma vez que determinadas práticas não são consideradas *bullying* por alguns alunos, porém tem capacidade de afetar as vítimas de forma relevante.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. K. L. et al. Bullying e sua relação com o suicídio na adolescência. **Revista de Psicologia**, v.10, n. 31, 2016.

BOTTINO, S. M.; BOTTINO, C. M., REGINA, C. G., CORREIA, A. V., RIBEIRO, W.S. Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. **Cad Saude Publica**, v. 31, n. 3, p. 463-75, 2015.

CINTRA, G. M. S. et al. Inclusão escolar: há coesão nas expectativas de pais e professores? **Revista de Psicopedagogia**, v. 26, n. 79, p. 55-64, 2009.

DOROL, Ophely et al. Systematic review of risk and protective factors for suicidal and self-harm behaviors among children and adolescents involved with cyberbullying. **Preventive medicine**, v. 152, p. 106684, 2021.

DOS SANTOS, A. O. P. et al. O bullying na primeira infância: revisão integrativa da literatura. **Revista Educação Especial**, v. 34, p. 1-23, 2021.

FARAJ, S. P. et al. Enfrentando o bullying na escola: experiências de intervenções no combate à violência. **Aletheia**, v. 54, n. 2, p. 165-172, 2021.

JOHN, Ann et al. Self-harm, suicidal behaviours, and cyberbullying in children and young people: Systematic review. **Journal of medical internet research**, v. 20, n. 4, p. e9044, 2018.

MARTINEZ, J. et al. Bullying and Cyberbullying in Adolescents from Disadvantaged Areas: Validation of Questionnaires; Prevalence Rates; and Relationship to SelfEsteem, Empathy and Social Skills. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 17, p. 61-99, 2020.

MÉNDEZ I.; JORQUERA, A. B.; RUIZ-ESTEBAN, C.; MARTÍNEZ-RAMÓN, J. P.; FERNÁNDEZ-SOGORB, A. Emotional Intelligence, Bullying, and Cyberbullying in Adolescents. **Int J Environ Res Public Health**, v. 16, n. 23, p. 4837, 2019.

PERES, S. Q; MARTINS, E. Inclusão dos alunos com deficiência nas escolas. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 07, p. 90-101, 2021.

RINGDAL, R.; BJØRNSSEN, H. N.; ESPNES, G. A., BRADLEY EILERTSEN, M. E., MOKSNES, U. K. Bullying, apoio social e saúde mental de adolescentes: resultados de um estudo de acompanhamento. **Revista Escandinava de Saúde Pública**, v.49, n. 3, p. 309-316, 2021.

SANTOS, S. M.; ALMEIDA, K. L. O Papel do Apoiador Escolar na Educação Inclusiva. **Revista de Psicologia**, v.15, n. 58, p. 592-600, 2021.